

“É A OBEDIÊNCIA QUE SALVA A VIDA DOS HOMENS RECTOS”, CREONTE IN ANTÍGONA

Escrito por Roberto Merino

**Quarta, 28 Abril 2010 07:50**

Os Gregos entrem nós. **- Antígona**, tragédia escrita pelo dramaturgo grego Sófocles ([497](http://pt.wikipedia.org/wiki/497_a.C.)/406 a.C.), mostra como opiniões antagónicas podem ser correctas dependendo do ângulo analisada. A peça, sequência de **Édipo Rei**, retrata como a descendência incestuosa de Édipo, amaldiçoada anteriormente, termina (não sendo uma trilogia no sentido clássico podemos falar de um ciclo tebano que inclui ainda o texto Édipo em Colono – 401 a.C.). Os dois filhos de Édipo, morrem no campo de batalha no mesmo dia. Um a favor e o outro contra a cidade de Tebas, que passa a ser governada por Creonte. O Rei manda então enterrar honrosamente ao que defendeu honrosamente a cidade (Etéocles), e lança uma lei de que o segundo (Polinices) não seja velado nem sepultado por ser um traidor de sua pátria, quem o fizesse seria igualmente considerado traidor. Antígona, filha de Édipo e irmã dos falecidos, desobedece a lei e presta as honras fúnebres ao morto. Com este gesto é condenada à morte.”

Em *Antígona*, um tratado sobre a Democracia, o sangue corre nas veias da cidade entre o poder e a indignação…confronto íntimo de antagonistas na mítica Tebas das sete portas assolada pela guerra fratricida pelo poder, transposta para o palco do Teatro da cidade; são os actores que defendem e afirmam as palavras que proferem, estes e não outros, tal como esta e não outra a assembleia de cidadãos que os escutam. Tebas é mais do que uma cidade como a reconhecemos hoje – é um país, um continente, uma civilização que se trava de razões entre ruínas fumegantes. Dar lugar à história do Homem (“de todos os prodígios o maior”), é continuar a demanda de sentido, abrindo as portas ao confronto de temáticas sem fim à vista. Heróis como Antígona, se não geraram filhos, geraram adeptos que da sua ilustre causa se apropriaram ao longo da maratona da História, contra o imobilismo da “unidade interna” dos sistemas.” São as palavras de ordem de quem nasceu num tempo antígono, Nuno Carinhas, Director Artístico do TNSJ, e que justificam a actualidade e vigência do texto clássico, em cena durante o mês de Abril no Teatro Nacional. As palavras de Sófocles e de Antígona, um dos mais belos personagens da literatura universal estarão em cena para nos lembrar que em Sófocles, “a manifestação do divino faz-se sentir como mistério insondável, uma “presença ausente” que atira para o primeiríssimo plano da acção o homem – o homem finito, contraditório, na contingência da sua pequenez e da sua grandeza, numa nudez por vezes confundível com uma espécie de condenação à liberdade, como diria Sartre, mas que, ao contrário, se revela integrada num plano maior, transcendente, não obstante a humana incapacidade de lhe descortinar o sentido.” Marta Várzeas no caderno de leitura do espectáculo.  O mito do Titã Previdente, **serviu** de base ao espectáculo de teatro de sombra intitulado”**Prometeu”** a proposta partiu do serviço educativo da Casa da Música, no Porto, que pretende dar a conhecer este mito através das técnicas tradicionais de Teatro de Sombras das Ilhas de Bali e Java, utilizando como pano de fundo musical o Gamelão (recentemente adquirido por essa instituição); conjunto de instrumentos musicais de [Indonésia](http://www.worldlingo.com/ma/enwiki/pt/Indonesia) tipicamente caracterizado por uma variedade de metalofones, xilofones, tambores, e gongos; cordas, flautas de bambu, e vocalistas.  A palavra “Gamelão” vem da palavra “gamel”, significando golpear ou martelar. Partindo de uma criação de figuras e espaços através de areia sobre uma mesa de luz que mais tarde se transformará em ecrã através de projecção, Marcelo Lafontana, interprete e encenador, conta a história mítica valendo-se de um processo de multimédia eficaz que alcança efeitos brilhantemente poéticos. Lafontana não exclui como Carinhas na sua versão do texto/mito clássico, de citar o tempo moderno e contemporâneo que nos acompanha e no qual vivemos; um tempo de guerra de confrontos, de sofrimento e sacrifico mas também como em tudo na história da humanidade, e aproveitando este tempo Pascal, de esperança e renascer. - **Palco Roberto Merino – Abril 2010**